

REVISTA VIRTUAL
ENTRETENIMENTO
EDIÇÃO ABRIL DE 2023



63 ANOS DE BRASÍLIA

A ENTRETENIMENTO APRESENTA UMA SÉRIE DE IMAGENS DA CONSTRUÇÃO DA CAPITAL DO PAÍS

YOU

QUARTA TEMPORADA

Por Karen Fontenele

Em sua quarta temporada, a série *You* (Netflix) demonstrou sua capacidade de se reinventar ao longo do tempo. A trama acompanha Joe Goldberg (Penn Badgley), um stalker e serial killer que encantou milhões de fãs desde o primeiro ano com seu carisma.

Talvez o grande mérito da quarta temporada consista no fato de que, com um roteiro surpreendente, a franquia consegue quebrar a magia de Joe e mostrar o aspecto sombrio por trás da violência que ele representa.

Ao colocar o protagonista no papel de detetive em busca de um assassino parecido com ele mesmo, ele parte em busca de uma suposta tentativa de redenção de seus próprios erros.

Em uma verdadeira caça ao novo assassino, e a cada nova informação revelada a respeito do novo vilão, a série leva o espectador ao delírio. Nos perdemos nas belas ruas de Londres, em uma verdadeira aula de fotografia e de construção de roteiro.

Ao nos depararmos com a verdadeira face de Joe Goldberg, passamos a sobrepesar os valores que nos fizeram torcer por um assassino frio e calculista e na nossa vulnerabilidade diante dos encantos e das estratégias utilizadas por eles para seduzir suas vítimas.



NÃO SOMOS BOAS O SUFICIENTE, OU APENAS NÃO NOS ENXERGAMOS DE VERDADE?

Texto por Ana Fabre

Já faz dez anos e eu me lembro de cada detalhe. Eu era assessora de comunicação em uma grande entidade de classe nacional. Tocava tudo sozinha, em uma daquelas tão comuns "EUquipes". Estava exausta, faltavam mãos pra tanta demanda, mas, ainda assim, eu entregava muito! Sabia da minha competência e da qualidade do meu trabalho. A remuneração, no entanto, não correspondia. Muito menos a quantidade de colaboradores para o setor. Cansei e fiz o que qualquer profissional faria nessa situação: pedi um reajuste no salário e a formação de uma equipe pra me auxiliar. Só que não...

Faltou coragem, sobrou medo. Simplesmente, não consegui encarar meu chefe e apresentar meus pleitos. Preferi fugir. Busquei um novo emprego e, quando fui comunicar a minha saída, o presidente da entidade, muito surpreso e certo, disse: "Não estou entendendo, vejo que você é feliz aqui e nós gostamos muito do seu trabalho. Você não quer realmente sair, é outra coisa...". Fui pega no flagra! Eu amava trabalhar ali. A vontade não era sair, mas sim melhorar minhas condições. E por que então eu não pedi o aumento e a equipe? Por que esse receio paralisante me dominou, a ponto de escolher a fuga?

Na época, eu não sabia, mas uma companheira nada amigável estava sempre ao meu lado: a impostora! Sabe aquela voz na cabeça dizendo "você não é tudo isso", "uma hora vão descobrir sua incompetência", "quem é você 'na fila do pão'" e por aí vai? Eu acreditava nela... Mesmo tendo uma formação sólida, anos de experiência, resultados e feedbacks positivos, eu não me achava boa o suficiente. Havia uma sensação constante de que eu era uma fraude a ser descoberta a qualquer momento.

Passados alguns anos e após muito estudo, descobri que eu não estava sozinha. Quase todas – se não todas – as mulheres não enxergam seu próprio valor. Uma pesquisa realizada pela Hewlett Packard (HP) revelou que mulheres se candidatam a vagas de emprego ou promoções apenas quando atingem 100% dos pré-requisitos. Já os homens encaram a disputa quando preenchem apenas 60% das habilidades exigidas.

Biologicamente falando, homens e mulheres têm as mesmas capacidades e percepções intelectuais. Por que então essa diferença quando se trata de reconhecer as próprias aptidões? A resposta pode estar na educação, na cultura e na socialização de meninos e meninas. Lá no parquinho e no jardim de infância, quando nos oferecem bonecas, casinhas e nos vestem como princesas, aprendemos que a busca deve ser por atender os outros, aparentar e ser agradável com todos. Ou seja, ancoramos nossa identidade nos outros, que dirão qual o nosso valor, e não nós mesmas.

Essa dinâmica do parquinho segue conosco até a vida adulta. Somem-se a isso todos os padrões estabelecidos e vieses socioculturais. Nunca temos certeza do quão realmente boas somos, até que alguém nos diga claramente. E, assim, a dúvida segue presente, junto com a pesadíssima autocobrança, que leva à frustração, à culpa e à ideia de que nunca somos suficientes. Para ocupar um lugar, sempre falta um curso, uma especialização, uma aula, um ano de experiência... A sensação é de nunca estarmos prontos de que alguém vai descobrir que não somos mesmo tudo isso – em todas as áreas da vida.

A saída começa pela entrada: mergulhar em si mesma, se conhecer por inteiro, reconhecer todas as luzes e sombras e descobrir quem se é de verdade. Não o que nos disseram pra ser desde a infância! E sim quem realmente somos, fora dos padrões sociais, expectativas e vontades alheias. A tarefa não é tão fácil, mas é necessária e, o melhor de tudo, possível! Construir autoestima é para todas e leva à segurança interna, aquela mesma dos homens que, tão certos de suas competências e qualidade, se candidatam a uma vaga de emprego mesmo sem preencher todos os requisitos do cargo.

Ah, como terminou a história do meu emprego lá atrás? Recebi o reajuste, pude montar uma equipe de verdade e segui feliz na entidade por uns bons anos!



Ana Fabre é jornalista, especialista em autoestima e mentora de mulheres.